

Narrativas de CAPSij III: Entre o caos e o cuidado

Livreto de Narrativas

Jessica Silva Gottschalk

Narrativas de CAPSij III: Entre o caos e o cuidado

Produto técnico apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista - como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Ensino em Ciências da Saúde.

Orientadora: Prof.^a Dra. Andrea Perosa Saigh Jurdi

Linha de pesquisa: Educação em Saúde na comunidade

SANTOS

2021



ÍNDICE

- Apresentação
- Primeiros traçados
- Cria não morre, cria vira lenda
- Agenciamentos Territoriais
- Me chame de Branca de neve
- Carta para Arthur
- Repassando um apelo
- O abraço da loucura
- A crise escancara a porta
- CAPSij III é isso!
- Desvios e Traçados inventivos
 - Mureta
 - O Bazar
 - Comida Terapêutica
 - OcupaCAPS

APRESENTAÇÃO

Durante uma das disciplinas do Mestrado Profissional, sobre narrativas, lembro que o professor apresentou um livro chamado “Pipocas”, algo sobre pequenas narrativas construídas a partir da experiência em sala de aula da Educação Infantil. Genial! Pensei que uma versão Pipocas sobre um CAPS infantojuvenil III poderia ser costurado por boas narrativas, também. Talvez não tão leves e divertidas como aquelas “Pipocas”, mas imagens narrativas do cotidiano, sem fama¹, que poderiam fazer parte da vida de todos – pelo menos, de todos que frequentam/trabalham/convivem em um CAPS infantojuvenil.

Apostando na ideia de coprodução entre conhecimento e experiência, na medida em que um se transforma em outro (KASTRUP; BARROS, 2009), gostaríamos de apresentar um livreto de narrativas, atos, relatos e imagens que se fizeram ver e falar neste percurso de pesquisa, na criação de brechas que permitiram a abertura de novos modos de experimentar o encontro em saúde mental infantojuvenil e nos auxiliaram a narrar sobre a constituição de um CAPSij III.

¹ “O que pequenas narrativas de pesquisa têm a aprender com os textos, cartas e escritos de Anton Tchekhov?” Disponível em: https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2020/08/15/o-que-pequenas-narrativas-de-pesquisa-tem-a-aprender-com-os-textos-cartas-e-escritos-de-anton-tchekhov/#_ftn9.

Primeiros traçados

- Parecia uma garagem, era uma porta de ferro que levantava pra cima. Tinha uma recepção minúscula, muito pequenininha, que batia sol. Tinha uma salinha do lado esquerdo, um pouco maior e duas salinhas minúsculas, uma era tipo um almoxarifado.

- Dividido por madeirite, né? Sem privacidade.

- A gente se dividia, combinava de falar baixo, porque não tinha como atender, todo mundo escutava tudo. Os meninos às vezes chegavam e sentavam na calçada porque não tinha onde sentar.

- Era isso mesmo, e tinha mais um detalhe: quando a gente estava em grupo de adolescente, a mãe sentada na recepção falava assim pra recepcionista: "ó, isso que ele tá falando aí é tudo mentira!"

"É como se o Tô Ligado fosse uma criança, que se tornou adolescente e que hoje está na fase adulta, né? E na maturidade está tendo que lidar com coisas mais difíceis, mais pesadas. E o desafio de amadurecer bem é não perder sua ternura e sua leveza. É um grande desafio, né?"

Cria não morre, cria vira lenda²



Hoje em dia até a morte vira produto, vira *likes*, vira *views*, viraliza, mas pensar e falar nele ainda dói e por isso escrevo, quem sabe uma hora passa. Os dias passam e sempre lembramos daquele moleque e das miudezas que compunham quem ele era. Incomum vê-lo triste. Agitado, roendo unhas, estabanado, falando pelos cotovelos, sim. **Maior desgraça na vida**, mas poucas vezes o vi tenso. Na real, não sei se ele virou lenda, imagino que não. Imagino que na quebrada dele foi mais um. Na rede de cuidados, sua memória presente. Semana passada me disseram que seu filho tá a cara dele! Tem quase dois anos e fica dançando ao som do karaokê no bar. É bem cuidado, tá seguro, é amado e isso me faz pensar que ele pode ter uma vida bem diferente do pai ou com um pouco menos de sofrimento. Olhar para o seu filho faz doer um pouco menos, mas falar nesse moleque ainda dói, uma hora passa.

² "Que mundo é esse tão cruel?" - MC Kevin o Chris & Mc Cajá

Agenciamentos Territoriais



A praia pode ser terapêutica,
subir em árvore e ver o ídolo do
futebol, também.

Todas linhas e pessoas se
embaraçam no território.
Ninguém sabe quem é o autista,
quem bate ou apanha na escola,
quem usa o quê. Estar tão exposto
a forças que se desconhecem,
tem seus efeitos.

"Ô tia, tira esse crachá, né?!"



Com o que se
compromete
uma equipe
de CAPSij
no território?



Me chame Branca de Neve

Ao ver a fantasia de Branca de neve não teve dúvidas. Vestiu a roupa e a peruca prateada. Segundo ele, eu era a bruxa malvada e ele, a Branca de Neve. Tinha que ser chamado assim. Pediu para que eu o trancasse no armário de brinquedos e não queria sair. Fazia força para que eu não abrisse a porta, quando, finalmente: “Marcos³ saiu do armário, aê!”. Quis levar a fantasia para o SAICA⁴, contornamos. No grupo, nenhuma criança fez qualquer tipo de comentário sobre a roupa de princesa. Naquele momento, o CAPS era um lugar seguro para qualquer tipo de fantasia.

³ Todos os nomes aqui apresentados são fictícios afim de preservar a identidade desses sujeitos.

⁴ Serviço de acolhimento institucional

Carta para Arthur

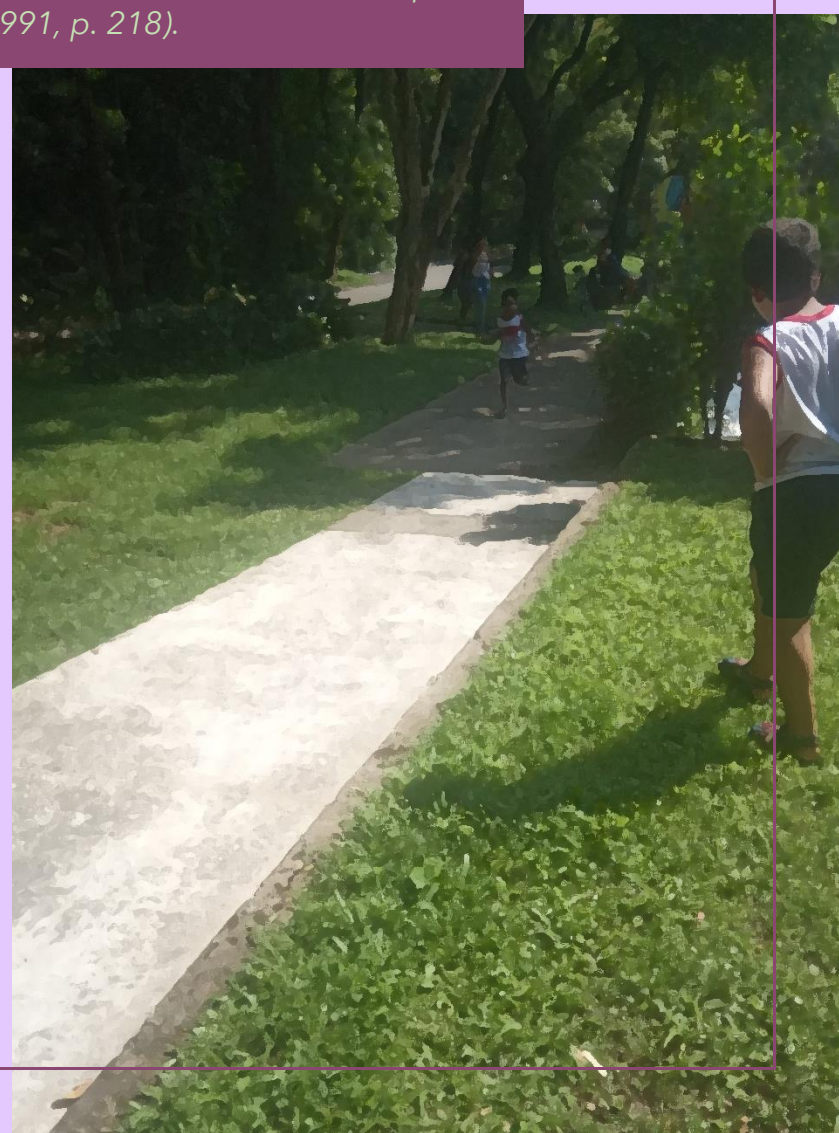
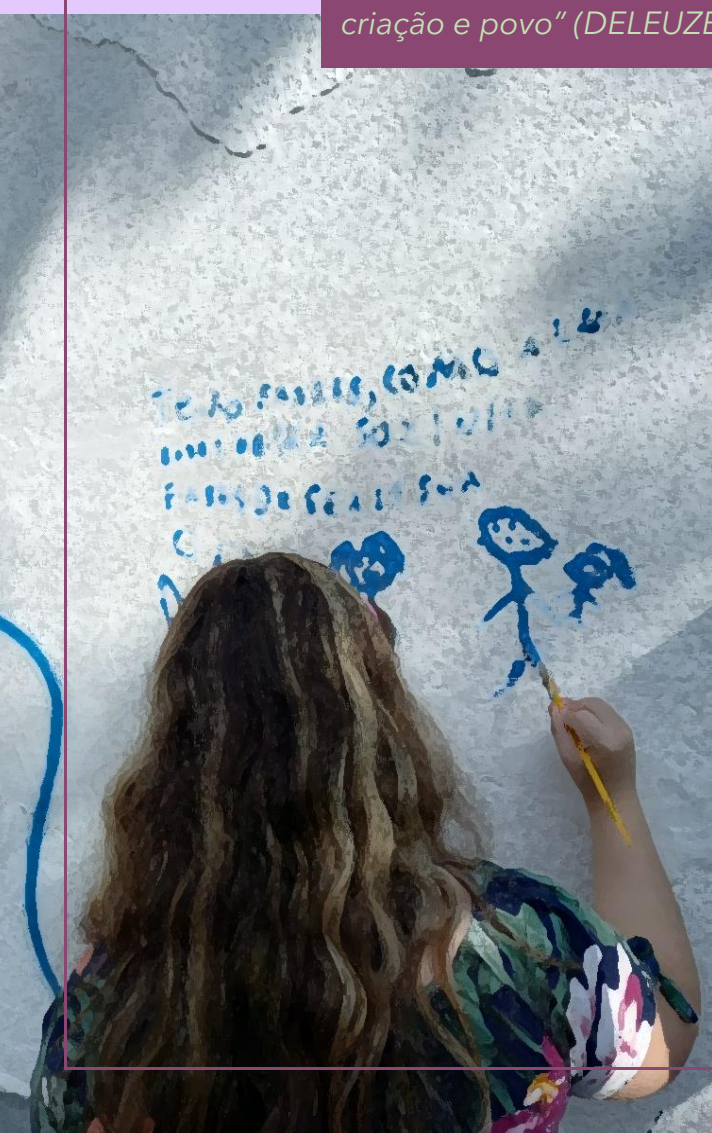
Arthur, valeu por essa surpresa terapêutica! Fiquei pensando muito depois de ontem, quando você me mostrou o texto que produziu depois do nosso atendimento, assim que consegui “passar os sentimentos ruins”. Aquele texto com as fotos da praia, da barquinha e aquelas palavras que você escolheu não eram meros detalhes, né? A “convivência forjada”, “quero mais...trocas, estranhamentos”, várias frases sem ponto final. Escrita é coisa séria, Arthur. Entendi que você deseja continuar ali, conosco, mas fiquei confusa quando disse que queria continuar na vida. Não estamos nós, também, na vida? Você disse que sempre desistia das pessoas e dos lugares, mas, por algum motivo, me sinalizou que não faria o mesmo ali. Na semana passada, depois da nossa conversa, fiquei angustiada, receosa pela minha intervenção e com medo de você. Deixei a sala pedindo que você decidisse se estaria conosco ou se já não tínhamos mais nada para oferecer. Acho que hoje você respondeu isso muito profundamente, como sempre faz com as questões da sua vida. A arte é, certamente, um caminho pra você, Arthur. Aliás, como estão suas composições?

Repassando um apelo

“Eu acho, Jessica, que a saúde mental e o fortalecimento do trabalho de vocês é algo muito importante, que precisa ser cuidado com muito carinho pra não haver nenhum tipo de retrocesso. Hoje estamos vivendo um momento que tá tendo muito retrocesso, um saudosismo de coisas que é ruim, né? A gente não pode esquecer que, infelizmente, no passado, era feito manicômio. Tinha o Anchieta, né? As pessoas eram largadas lá pra viver na base de medicamentos. Um estado de crueldade a gente vê na história do Brasil. Tem um outro lugar, lá em Minas Gerais, não me lembro o nome...eu vi uma vez em um documentário...isso, Barbacena! É muito triste saber que isso aconteceu aqui no Brasil e em outros países. As coisas foram caminhando, humanizando...A gente tem que estar sempre atentos pra que ninguém justifique que precisa haver novamente hospícios, uso de choques, ou mesmo isolar a pessoa, com qualquer problema, da convivência de outras pessoas. Então é um apelo que eu faço pra você, Jessica, segurar essa bandeira da área da saúde com todo afinco, seus companheiros que trabalham e outros terapeutas também, que sempre procurem falar a importância de como está se desenvolvendo esse trabalho da saúde mental e fortalecer pra que cada vez isso evolua pra um caminho melhor, sem nenhum tipo de retrocesso que possa prejudicar a condição de atendimento. Vocês têm que ser muito persistentes e unidos. Ninguém isolado conquista nada, né? Não deixar que isso venha acabar com os CAPS, porque, realmente, às vezes as coisas são assim: vai perdendo o incentivo financeiro, vai caindo o padrão, a medicação que não chega, um profissional que é afastado e não repõem aquela pessoa. É assim que as políticas vão morrendo. É um prazer poder falar, como mãe e como pessoa que torce pra que tudo dê certo pra todo mundo. A gente tem que sentir como se tivesse entrando numa casa e que te falam ‘Olha, sente aqui, converse, você veio pra falar e a gente tá aqui pra ouvir você’. Assim que acontece o aprendizado, né? De mão dupla.”



Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (...) é ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo” (DELEUZE, 1991, p. 218).



O abraço da loucura

Enquanto escrevíamos junto a Inácio suas metas para 2019, a última, depois de muito pensar foi *não deixar de ser louco*.

- *Como assim, Inácio?*

Tentou nos explicar: *“A loucura me abraçou quando todo mundo me deu as costas”*.

Lembrei de Lacan, o delírio como tentativa de cura. Inácio falava de si, de seu sintoma e de sua relação com o CAPS. Como será o abraço da loucura? Ora sufoca, ora liberta. Para Inácio, era sua meta, o que lhe possibilitava viver.

- *Eu gostei de ser louco.*

A crise escancarou a porta

Há dias sabíamos que a rotina de Inácio não ia bem: além de seus delírios cada vez mais presentes, ele não aceitava a medicação e as agressões contra a mãe eram constantes. Depois de muito pensar, acionamos o SAMU para a casa de Inácio e fomos até lá. Fomos recebidos por sua mãe, exausta, contando sobre os últimos dias. Entrei em seu quarto com a técnica de enfermagem e Inácio não nos deu a menor atenção, estava imerso em seu celular. Falamos sobre sua ausência no CAPS, a importância da medicação e pedimos para aplica-la naquele momento. Acho que ficamos umas duas horas em sua casa. O tempo era outro ali. Com a conversa evoluindo, outros profissionais entraram na cena. Inácio negava a medicação e também não queria nos acompanhar até o CAPS. *“Se eu ficar internado, vou engolir as facas, vou engolir os garfos. Vocês não podem invadir minha casa assim.”* Inácio já é um antigo conhecido nosso, mas a relação sempre se transforma, principalmente na crise. Ele estava certo, invadimos sua casa. Nosso psiquiatra e o enfermeiro do SAMU entraram no quarto e ele ficou assustado, perguntando o porquê de tudo aquilo. Sentados na cama, vamos conversando e Inácio autoriza a aplicação, mas tem certeza que irá dormir e vamos leva-lo ao CAPS *chapado*: *“Já conheço os truques de vocês!”*. Um pouco mais de conversa, outro Haldol com Prometazina. *“Tô ficando confuso”*, ao mesmo tempo, o discurso vai se encaixando mais. Ele trazia muito sofrimento com a possibilidade de ficar acolhido sem a mãe. Mais um tempo, mais conversa, ele aceita a ideia de voltar conosco, mas permanece dando voltas pelo quarto, senta na cama, não se move. Ele levanta e finalmente conseguimos acompanhá-lo até o elevador. Entramos na ambulância, a caminho do CAPS. *“Marvin, agora é só você...”*, tocava no som. E depois Mamonas Assassinas. Inácio ria, mas disse que estava triste. Dessa vez, quem escancarou a porta fomos nós. A crise nem sempre grita. Chegamos ao CAPS e, mais uma vez, dissemos a ele que caminharíamos juntos nessa travessia para a vida adulta.

CAPSij III é isso!

Ser o CAPSij de referência da cidade para o acolhimento integral é estar imerso em crise: de nós e de quem precisa de nós. Em maio de 2020, auge da pandemia, recebemos uma ligação comunicando a chegada de uma adolescente vinda de outro território pelo SAMU. Primeira tensão: Gabriel estava bem melhor, dormindo em um quarto sem divisórias, que ele mesmo derrubou. Temos estrutura? Temos equipe? Tem indicação para o acolhimento? *“Então não tem o que discutir, a gente tem que aceitar e pronto”*, nos reunimos em um dos quartos para organizar essa chegada. Foram tantas pactuações e repactuações sobre o acolhimento integral para outros CAPSij que estávamos perdidos entre combinados e sobrecarga de trabalho. Passou, Maria chegou, nos apresentamos e ela parecia à vontade conosco e com Gabriel. Segunda tensão: às 18h30, outro telefonema. Uma menina e seu gato chegariam com a equipe de outro CAPSij em alguns minutos. Troca de plantão, chegada da equipe noturna. Não tivemos tempo de conversar sobre os acontecimentos e havia muita tensão entre todos. Sete da noite e já não havia espaço para negociação, a equipe do outro CAPSij estava lá, Isadora estava lá e o seu gato também. *“Se nem o serviço de saúde mental vai acolher essa menina, imagina um serviço da assistência social?”* - nos questionou uma das trabalhadoras do outro CAPS. Nos entreolhamos, *“É isso!”*. Percebemos uma movimentação mais agitada do lado de fora da sala e, enquanto encerrávamos as pactuações com a outra equipe, Maria começou a se debater, pedindo que a deixássemos morrer. A sequência já não me lembro: ficamos em pé no corredor, sentadas no pé da escada e no chão do banheiro, impedindo que Maria trancasse a porta. Ela chorava e dizia que não queria ajuda. *“Olha Maria, não estamos aqui pra ajudar, esse é nosso trabalho. Eu entendo você querer morrer, mas não vai ser agora”*. Pareciam horas aqueles momentos. Ela aceitou descer e encontramos Gabriel, Isadora e seu gato na cozinha. Respira. A equipe noturna já mais organizada, *“vamos agora antes que dê ruim!”*.

Fui embora acompanhada de uma colega e compartilhamos a estranha sensação de cansaço e satisfação, o corpo inteiro pulsava.

- *Que dia!*

- *Um dia extraordinário de CAPS, mas sim, um dia de CAPS* - disse e se despediu.

Estar no plantão é estar disponível a escutar o sofrimento alheio sem agendas, planos ou metas. É estar pronta para não ter respostas prontas. É ter que lidar com isso. Acumulamos prontuários de pessoas que acumulam memórias não gentis da pele, do corpo, do outro. Muitas vezes do pai, da mãe, também. Do professor que abusa da dor. Abusador. Se arrumam, se preparam para abrir suas histórias para o estranho que surge do outro lado do balcão. E nós, onde permanecemos?

Desvios e Traçados inventivos

Desvios e traçados inventivos não se desenham em momentos felizes, somente, e estes momentos não são, necessariamente, produtos de traçados inventivos. São em terrenos mais áridos que esses traços precisam ser desenhados e não devem almejar apenas a dissolução da angústia ou a remissão do sintoma, mas a produção de vida. É sobre essa produção de vida e sobre essas tentativas de produzir acontecimentos – gigantes ou moleculares – de cuidado sem controle que falaremos um pouco mais em estas últimas cenas narrativas.



PRECONCEITO
TRANS
cis
GAY
LÉSBICA
DISFORIA
MEDO
DOENTE
INFLUÊNCIA
CRIANÇA
COISA DA SUA CABEÇA

JULGAMENTO
TRANSIÇÃO
ESCOLA
HOSTIL
TÓXICA
CORPO
LIBERDADE
LGBT
FEMINILIDADE
SUFICIENTE

SOFRIMENTO
EXPRESSION
ACEITAR
PASSIBILIDADE
BIOLÓGICO
INSTINTO
DEPRESSÃO

Nome
CIVIL
SOCIAL

PRINCÍPIO
FASE



[Mureta]

Tínhamos o desejo de agrupar um pequeno número de adolescentes para pintarmos uma parede – igualmente pequena – dentro do CAPS, mas o grupo era difícil de se reunir, os horários não se encontravam. Um dia, a gestora trouxe a novidade de que um grupo de muralistas iria estar com a gente para pintar e fornecer os materiais. Conversamos e agendamos data e horário para pintar o muro externo: 24 de outubro de 2019, às 09 horas. Tínhamos que ampliar o número de convidados para estar ali.

Chega o dia e eu chego ao CAPS ansiosíssima. Encontro um pai e uma criança na recepção – minhas referências de território, mas que nunca conheci. O pessoal tinha esquecido de desmarcar o grupo de hoje. Atendi, brinquei, agendei visita domiciliar. Toca o telefone. Outra referência de território, outra visita. As crianças, os adolescentes e as famílias convidadas para a pintura vão chegando e o quintal da casa vai mudando sua energia. Outro telefonema. Mais questionamentos de instituições. *Quero estar lá*, penso. Enquanto esperam a atividade começar, bola e regador eram objeto de disputa por alguns. Não tinha mais verde para aguar, aguava-se o chão. Alguns familiares demonstravam necessidade de falar, falar...A avó de uma menina dizia-se incomodada pois via que sua neta era “normal”, diferente das pessoas que estavam ali.

Começamos a pintar o muro de branco, as crianças estavam em êxtase. Não existia excesso de tinta ou desperdício. Distribuímos camisetas velhas e, em pouco tempo, não era só o muro, os corpos também viraram telas. Presenciamos uma relação entre mãe e filho mediada por tinta branca. Tive que estar um pouco mais perto de André, menino de oito anos, mais ou menos, pois sua mãe teve que sair para trabalhar. Antes de ir, me contou que de lá iriam para a psicóloga e depois para a escola, tudo na sua vida era *cronometrado*. Eu não tinha vínculo algum com André e sua mãe disse que seria impossível que ele me *respeitasse*. Nos momentos em que pensei que não estava me escutando, ele repetia o que eu tinha dito: *“menos tinta, né?”*, *“cuidado com a rua, né?”*. Eram minhas tentativas de cuidado. Ou controle? Um pouco antes do horário previsto da mãe chegar, sugeri que ele tomasse um banho – até seus cílios estavam pintados de branco. *“Esfrega minhas costas, tia? Mas não olha meu bumbum!”*. Fim do banho, *“Ufa, a mãe dele não vai pitar comigo.”*. Enquanto isso, a calçada lateral do





CAPS era ocupada por crianças: pintadas dos pés à cabeça, pra lá e pra cá.

Almoço. Todos se espalharam pela cozinha, sala de convivência e quintal. Depois de almoçar, algumas se despediram e um novo grupo para à tarde chegava. Logo chegou Alfredo, um adolescente que adorava filosofia, com muitas angústias e pensamentos que transbordavam. Apresento a uma colega para que ela possa estar mais perto enquanto vou almoçar. Quando termino de comer, encontro Alfredo com o estagiário de Psicologia tocando Nirvana na cozinha. A gente sempre tem que emprestar nosso desejo pros usuários, pra uns mais do que para outros.

Por cima do muro branco, o tom verde se sobressaía com algumas linhas preenchidas pelos adolescentes. Por cima desses desenhos, fizeram o *splash* de tinta, com toda catarse que se poderia ter. Os muralistas queriam encerrar, avaliando que já estava bom o produto que tínhamos, seria melhor se os adolescentes fizessem os retoques com o spray - outra tentativa de controle dos adultos. Lembrei que vários adolescentes, antes de pintarmos, estavam entusiasmados para criar com o spray. Alguns retoques? Seria frustrante. Decidimos chamar todos. Um por um, vinham e inventavam novos contornos verde-fluorescentes em nosso muro. Tratava-se disso: imprimir a marca de si em um espaço público, habitado por tantos e de tantas maneiras.

Quando íamos encerrar, Paloma, uma adolescente bastante tímida, me perguntou se havia palitos para desenhar - dessa vez, na parede do quintal. Busquei a lata de tinta verde que havia sobrado e rapidamente outras pessoas se juntaram para pintar na parede escolhida por Paloma. Quando fui imprimir os termos de autorização de imagem - um grupo de mídia estava fazendo filmagens nesse dia⁵ - vi Adrian conversando com a mãe de Paloma na recepção, outro encontro inesperado. Paloma estava super espontânea aquele dia, desenhou um cavalo com um canudo, que não consegui ver, pois, quando ela foi mostrar, outro adolescente havia passado tinta por cima. Ela ficou arrasada e foi embora com a mãe.

Aquele dia não se encerrava ali. Mesmo com desenho apagado, mesmo com o medo de fazer errado, de se sujar, mesmo com alergia à tinta, mesmo sem combinar, sem conhecer ninguém ali, mesmo assim, estávamos. Agora será difícil nos tirar de lá.

⁵ O vídeo produzido está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=37b5isR3z8U>



[O Bazar]



“Hoje, por exemplo, tem esse bazar, né? Que é uma maneira de estimular a participação, a criatividade. Isso cria um elo de amizade entre as pessoas, né? E esse elo é fundamental. As pessoas se veem mais juntas dentro de uma causa, né? Quando elas estão ali, quanto mais a gente consegue trazer as pessoas pra conscientizar o que aquela pessoa tá passando, o outro também tá passando, a gente sai daquele eixo que só a gente tem um problema, né? A gente começa a entender que problema psicológico não importa qual seja, seja uma depressão, bipolaridade ou a questão de consumo de drogas, todos os problemas que um adolescente tá passando, não é exclusivamente ele que tá passando, né? Quando as pessoas começam a enxergar que isso é uma coisa que também acontece com outras pessoas, as pessoas começam a ter mais empatia com a questão do outro e isso também suaviza um pouco. Você não se sente isolado. Acho que os grupos servem pra quebrar o isolamento.”⁶

⁶ Trecho da entrevista de um familiar.

Pode apostar, onze horas vai lotar! Burburinho de gente. *"O que é aí dentro? Posso entrar pra pegar água?"*



Sexta-feira de bazar. Entre as araras doadas pelo CAPS ad, montes de roupas, sapatos e bugigangas, existe nossa própria bagunça junto ao desejo de fortalecer aquele espaço como geração de renda e autonomia para a molecada. É difícil, claro. Temos que estar atentos para controlar nossa *adulthood*, que faz tudo sozinha, pensando que o outro não irá conseguir ou não irá fazer como queremos. *"Vamos arrumar assim?"*, *"Pega aqui a chave, vai lá!"*, *"Gente, isso aqui tá o caos!"*. A gente precisa recuar e permitir que eles fiquem à frente do movimento do bazar, por vezes tranquilo, por vezes revoltado.

[Comida Terapêutica]



"Tô aqui, tomando café e comendo pipoca porque no CAPS isso é terapêutico."

"é preciso privilegiar momentos de alívio produtivo e de estados de alegria para que o trabalho vivo aconteça."

(MEHRY, 2008, p. 14)



Para quem não sabe, a comida é uma das ferramentas de cuidado em um CAPS infantojuvenil. O cheiro da pipoca ou do bolo durante a tarde anuncia que uma roda irá se formar. Anuncia que, por alguns minutos ou horas naquele cotidiano pesado, haverá uma pausa para risadas, para conversas espontâneas e também complexas. A macarronada vegetariana para os adolescentes e a conversa sobre um cuidado de si a partir da alimentação. Um grupo de famílias no território que não sai como planejado, mas depois de uma caminhada embaixo da chuva, encontra abrigo em outro espaço e é acompanhado por um bolo feito por uma das mães.

Lembrem-se: não subestimem o valor terapêutico da comida em um CAPS!



Você vai atender aquela mulher? Tem certeza? Nunca tive medo de atender ninguém aqui, mas dela eu tive.

Claro que senti medo. Depois daquele "aviso", pelo pouco que conhecia da história daquela família, senti muito medo. Desci as escadas e fui recebida com uma expressão furiosa, devido ao meu atraso de vinte minutos para chamá-la. *"Qualquer coisa você grita"*, ela disse quando eu fechei a porta da sala de atendimento. Durante a conversa me comunicou sobre toda infância da filha, dificuldades com a rede de serviços e o porquê não confiava em ninguém. N i n g u é m. Me disse que estava protegida por forças legais e ilegais. Contou que estava fazendo o curso de panificação no CRAS. Alternava o assunto entre sutis ameaças, expectativas sobre o tratamento da filha e seu dia a dia. Um tempo depois, descemos as escadas dando risada e com uma data para ela organizar, junto com a filha, uma oficina de "pão de pizza", que aconteceu algumas semanas depois.

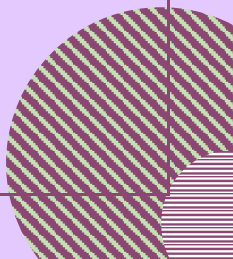


[OcupaCAPS]

Era 12 de dezembro de 2019, quinta-feira à noite, quando recebemos vinte adolescentes, mais ou menos, para um encontro nomeado *OCUPA CAPS*. Eram adolescentes que pouco se conheciam, alguns de passagem por acolhimento institucional, outros do território ou grupos do CAPS, - “os meninos de quarta-feira” - mas é certo dizer que nunca, nenhum de nós, havíamos experienciado tal encontro: atravessar a noite em um serviço de saúde mental, disponíveis para o inesperado. Ali havia espaço para todos os desejos: enquanto acontecia uma sequência de filme de terror na sala de convivência, improvisamos a mesa de pebolim na recepção. Fiquei hipnotizada ao ver Inácio e Clarice disputando uma partida pois aquele era um encontro bastante improvável. Só poderia acontecer ali, a partir daquela proposta. Uma pequena sala onde instalamos o videogame foi ocupada por um grupo específico de meninos - quando não estavam ali, estavam em outra sala escutando funk nos celulares. Foi raro o momento em que eles de fato permaneceram assistindo os filmes de terror, buscavam mais movimento. Poucas foram as meninas que estavam ali, talvez quatro ou menos, mas elas rapidamente se juntaram em um dos quartos para preservar certas conversas. Por um momento isso incomodou alguns da equipe, mas logo esse lapso autoritário encontrou um conformismo, “*é assim mesmo*”. Afonso, um adolescente bastante tímido e inquieto com suas questões filosóficas, assim como cheio de habilidades, não veio sozinho: trouxe sua guitarra, que não foi possível tocar pois não tínhamos amplificador; quatro livros, que não foram sequer abertos e DVDs, que não assistimos. Enquanto estávamos todos juntos na sala de convivência para nos apresentar e pactuar os combinados, Afonso ficou sozinho na sala ao lado, escrevendo alguma anotação em seu celular, “*também faço isso, Afonso*”, pensei. Ele trazia muita angústia por estar tão perto de pessoas desconhecidas e com um discurso tão diferente do seu. Sala vazia. Afonso alcançou o violão e mostrou quão íntima era a sua relação com aquele instrumento. Com o *cajón*, eu somente acompanhava e apreciava seus improvisos. Quando outra

trabalhadora chegou na sala, entreguei outro violão para ela e Afonso parecia mais à vontade, logo começaram a buscar músicas. Outras pessoas foram chegando para acompanhar e cantar. Logo depois, encontro Afonso sozinho na cozinha: “*não gosto de lugares felizes demais*”, me disse. O que para nós era bom e, em certa medida, o que queríamos agenciar ali, para Afonso era insuportável. Subimos para o quarto das mochilas para que ele guardasse suas coisas e, envergonhado, mostrou uma caixinha com maquiagens, esmaltes e cílios postiços. Contou que sempre quis usar aquelas *coisas*, mas em sua casa seria repreendido. Pensei em Ariel, um menino que estava ali e perguntei se Afonso gostaria de conhecer outras pessoas. Em algum momento, estávamos no corredor, eu, Ariel, Afonso e Gabriela. Se apresentaram e logo contamos sobre a caixinha de Afonso. Ariel prontamente se ofereceu para maquiá-lo. Subimos para um dos quartos e ali algo aconteceu: enquanto os três iniciavam os preparativos, deitei na cama para ver os desenhos que Ariel havia trazido - embora eu sempre pedisse, ele nunca levou, escolheu aquele dia para mostrá-los. Os três conversavam, Ariel maquiava Afonso, enquanto Gabriela pintava as unhas dele. Conversavam principalmente sobre identidade de gênero e preconceito. Estava concentrada nos desenhos de Ariel quando Clarice entrou no quarto. Ficamos ali entre desenhos, maquiagens, esmaltes, meninos, meninas, corpos não binários, questionando o que era ser um ou outro e, principalmente, o quanto essas definições produziam sofrimento. Me angustiei por uma conversa tão potente estar restrita àquele quarto, mas talvez aquilo fosse somente o início. Os adolescentes fizeram uma grande roda na recepção para jogar *verdade ou desafio*, enquanto outros na cozinha preparavam brigadeiro de colher. “*Bota Invocação do Mal!*”, enquanto isso, uma guerra de almofadas acaba mal e temos que juntar esforços pra separar dois meninos de cabeça quente. Já era quatro da manhã quando brincamos de “eu nunca”. Os meninos do videogame dormiram em uma sala ampla no andar superior e enquanto isso, outros adolescentes tiveram sua chance de jogar também.

Alguns não piscaram os olhos durante toda noite-madrugada e não foi tranquilo acompanhar o ritmo deles. O tempo é outro e a intensidade também. O *OcupaCAPS* abriu brechas para encontros antes improváveis, entre adolescentes, profissionais e território. Acho que tirei uma soneca de dez minutos. Ou foram vinte? As lembranças vão se dissolvendo na memória. Do que não me esqueço é daquela estranha sensação de cansaço e prazer, nem da radicalidade dessa experiência que, vez ou outra, reaparece nas conversas com os adolescentes: *“Podia ter um todo mês, né?”*.



Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 1994, p.203).

Referências

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.52-75.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas** v.1, 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 197-221.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

MERHY, E. E. Os CAPS e seus trabalhadores: no olho do furacão antimanicomial. Alegria e alívio como dispositivos analisadores. In: MERHY, E. E.; FRANCO, T. B. (Orgs.). **Trabalho, produção de cuidado e subjetividade: textos reunidos**. São Paulo: Hucitec, 2013, p. 213-225.